



ÁSIA/ÍNDIA - O FANATISMO NÃO TEM FUTURO NA ÍNDIA,, DIZ MONS. TELEPHONE TOPPO, PRESIDENTE DOS BISPOS LATINOS NA ÍNDIA

Cidade do Vaticano (Agência Fides) – O fanatismo religioso não tem futuro na Índia. Estou otimista: a Índia é um grande país, com uma milenária tradição de tolerância. O fanatismo esconde questões de natureza política, social, econômica. Assim afirmou em uma entrevista à Agência Fides Dom. Telephone Toppo, Arcebispo de Ranchi, estado de Jharkhand, na Índia Oriental, e Presidente da Conferência dos Bispos Latinos da Índia (CCBI), em Roma para a visita ad limina apostolorum.

Sobre o debate em curso na Índia entorno da aprovação da lei anti-conversão em alguns estados da federação, o Arcebispo disse à Agência Fides que os grupos fundamentalistas têm seus programas, mas nós devemos continuar em nosso caminho de diálogo. É importante educar nossas comunidades para a abertura e para o diálogo, para que todos vejam quem somos nós, cristãos, e o que queremos. Alguns nos definem estrangeiros, mas nós somos indianos e exercitamos livremente um direito sancionado pela constituição indiana que garante liberdade de consciência e de religião.

Dom Toppo explica o que esconde o fanatismo religioso: Os fundamentalistas hindus têm sua visão da Índia (segundo a ideologia hinduísta, a Índia deve ter uma única cultura, língua e religião): por isso, mataram Mahatma Ghandi. Trabalharam sistematicamente desde os inícios do século passado, com uma propaganda de ódio dirigido aos muçulmanos e cristãos. Por detrás deste fanatismo religiosos existem razões políticas, sociais, econômicas. Na Índia, existem 100 milhões de pessoas que pertencem ao grupo étnico dalit e outros 70 milhões de adivasi, que são grupos tribais. Durante séculos estes dois grupos viveram sob a opressão e socialmente excluídos. Por isso, possuem grande abertura para a mensagem do Evangelho. Determinados grupos fundamentalistas temem que se os dalit e adivasi se tornem cristãos, e consideram isto uma ameaça capaz de subverter o sistema das castas e alterar a composição religiosa do país, atualmente composta de 80% de hindus, 12,5% de muçulmanos e 2,6% de cristãos. Os grupos fundamentalistas pretendem transformar a Índia em um país hindu e assim, querem apresentar-se aos dalit e adivasi como seus defensores, após tê-los marginalizado por séculos. Hoje, graças à evangelização, ao desenvolvimento e à promoção humana desenvolvida pelos cristãos, os grupos tribais são alfabetizados, conhecem e reivindicam os seus direitos. Esta deveria ser uma preocupação do governo, mas freqüentemente não o faz. O fanatismo- acresenta, não tem futuro. Implodirá em si porque procura bloquear o progresso e o desenvolvimento humano da população.

Em um contexto multicultural e multireligioso, o diálogo é para nós uma prioridade pastoral, uma estrada mestra, continua o Arcebispo. O são também as relações ecumênicas, especialmente com as numerosas denominações protestantes, enquanto que para cada problema político, social e moral todos identificam os cristãos como um único corpo.

Sobre 30 milhões de cristãos, os católicos são 16 milhões, subdivididos em três comunidades de ritos diversos: siro-malabarês, siro-malankares e latino. Isto é um desafio para nós: as três comunidades devem oferecer um testemunho de unidade, através de uma espiritualidade de comunhão que já existe, mas que ocorre aprofundar e viver. Evangelização e testemunho caminham juntos. Assim nos lembrou o Papa durante a visita ad limina, experiência de comunhão com a Igreja universal da qual saímos reforçados.

Dom Toppo conclui: Estou otimista pelo futuro dos cristãos na Índia, como o era Madre Teresa, como o é hoje o Santo Padre. A Índia é um grande país, com espírito tolerante que a maioria da população conserva.

(PA) (Agência Fides 26/06/2003; linhas: 49; palavras: 590)